

Os paradoxos da liberdade. Dimensões estruturais e epocais

por Ernesto Vetere

Lazos Institución Psicoanalítica de La Plata

"Pela liberdade, eu sangro, luto e sobrevivo", escreveu Miguel Hernandez prematuramente, dando voz a um combatente mortalmente ferido no início do franquismo, sem sequer suspeitar que esse horror se estenderia incompreensivelmente por quase quatro décadas. Estes mesmos versos, no crepúsculo da ditadura, foram retomados e cantados por Joan Manuel Serrat, transformando essa canção num hino universal de liberdade. Quando me propus a pensar sobre o que eu poderia falar, aqui em Barcelona, essas letras apareceram fugaz e brilhantemente acompanhadas por sua música. Além de apontar qual poderia ser o tema de pesquisa para a ocasião que nos reúne hoje, essa ocorrência precipitou duas primeiras associações que eu gostaria de deixar pelo menos delineadas. Por um lado, são versos amarrados por verbos: sangrar, lutar, sobreviver. Longe de qualquer pretensão ontológica, a liberdade estaria entrelaçada com o verbo. Se há alguma margem de liberdade possível, é porque essa margem é feita, é o efeito de um fazer, entre outros e veremos como, do trabalho analítico. Por outro lado, são verbos cujos significados reforçam a ideia de que o sujeito tem que colocar muito de sua parte para alcançá-la. Lembrando essa máxima da ética freudiana, poderíamos acrescentar: navegar é preciso, mas não é nada simples. Sobre este enodamento paradoxal entre determinismo e liberdade, gostaria de partilhar com vocês algumas reflexões.

Cada época hasteia suas bandeiras sobre a liberdade, e nem sempre de maneira tão poética. Nos últimos anos, esta palavra tornou-se perigosamente o grito indignado da nova direita. Alguns desses partidos políticos chegam a ser chamados: "Libertários". Com diferentes expressões e nuances, é claro, mas com um denominador comum: o ódio como paixão predominante do ser. Esse ódio invade o ouvido, precisamente, através de um grito sem palavras. Trata-se, então, da arenga louca e hostil por uma liberdade individual sem Outro e sem outros, que empurra para a ruptura dos laços sociais e de qualquer princípio ético que possa regulá-los. Eles são criticamente referidos como "discurso de ódio", embora, na realidade, seja mais um ódio que não faz discurso.

Nosso tempo, além disso, agita uma ideia adoçada de liberdade mercantilizada pela terapêutica oficial. Também aqui há várias propostas, mas insiste na ideia de uma espécie de narcisismo libertário, que por pura vontade e coragem poderia dispensar qualquer determinismo. Isso também leva a um curto-circuito com o outro, concebido como um obstáculo ou, ao contrário, como um instrumento de realização pessoal. Nesses casos, o aspecto do ódio não é acentuado, mas o do amor, mas reduzido à paixão de ser um-mesmo.

Diante dessa proliferação de mensagens perturbadoras, faz parte de nossa responsabilidade como analistas tentar discernir suas incidências sobre a subjetividade contemporânea e, mais especialmente, sobre alguns ditos de nossos analisandos. Uma vez que essas dimensões especiais do Discurso do Outro serão encadeadas com as estruturais, de forma singular em cada uma. O tecido entre essas dimensões determinará o sujeito e será a partir da interrogação dessas marcas que algumas novas formas de fazer algo mais com elas poderão ser construídas, até mesmo inventadas. Essa tensão entre determinismo e liberdade, um antigo tema de debate no campo da filosofia e da política, não foi suficientemente revista pela psicanálise, pelo menos não nesses termos. Tanto em Freud quanto em Lacan, o determinismo sempre foi a *via regia*

de estudar a estrutura, mas a liberdade nunca se tornou um conceito psicanalítico. No entanto, pode-se ler em suas teorias múltiplas alusões a um saber-fazer do sujeito, nos interstícios da estrutura, que produzirão sua revitalização e abertura. Esse saber-fazer será baseado em algo da ordem da "escolha subjetiva", que naturalmente não é nem volitivo nem do eu, nem racional, mas que também se tornará decisivo para o destino do sujeito. Dobradiça entre determinação e liberdade que abrirá novas portas para além do roteiro banal do fantasma. Mas vamos desacelerar um pouco porque, do ponto de vista psicanalítico, também há eleições e escolhas. Proponho-me, então, fazer um percurso sucinto que fundamente a seguinte passagem: da "escolha da neurose" à escolha do *sinthome*.

Como ponto de partida, lembremos aquela formulação exaustiva de Freud em "Psicopatologia da vida cotidiana": "não há nada no psíquico que seja produto de um livre-arbítrio, que não obedeça a um determinismo". Apesar disso, ele sempre colocará do lado do trabalho do analisando a tentativa de decifrar seus sonhos, seus esquecimentos, seus lapsos. E, paradoxalmente, a fim de desvendar as determinações inconscientes dessas formações, ele proporá como única regra do dispositivo analítico, a regra da livre associação. Essa liberdade associativa – e seu correlato do lado do analista, a atenção flutuante – será a própria expressão da tensão entre determinismo e liberdade. Sabemos que o analisando não é muito livre quando toma a palavra – já que ele é tomado por ela. Mas será através desses ditos – ditados pelo discurso do Outro – que a invenção de um dizer poderá ser produzida. Esse dizer será um acontecimento e este acontecimento, um modesto ato de liberdade. A liberdade como efeito - nunca como substância - só pode ser pensada a partir da noção de ato. Essa lógica do ato - e, portanto, do fim da análise - redefinirá o escopo potencial da noção de livre associação, ao colocar essa regra, presente desde o início de uma análise, na direção do exercício de um saber-fazer com *lalíngua*, nova definição do inconsciente do *Seminário 20* e um dos nomes do *sinthome*, desde o *Seminário S23*. Saber-fazer

com a *lalíngua* da qual participarão, de diferentes lugares e funções, analisando e analista, mas que também antecipará o ponto de viragem necessário para a passagem conclusiva de analisando para analista.

Mas voltemos ao percurso proposto de outro lugar. Voltando novamente aos tempos da constituição subjetiva, encontramos outra acepção primordial de escolha: a já mencionada "escolha da neurose". Muito cedo, Freud coloca no centro do determinismo da neurose, uma instância eletiva que define que forma ela tomará. Nas cartas a Fliess e nos seus primeiros textos esta expressão já aparece, "escolha da neurose", entendida como "a decisão de gerar histeria, neurose obsessiva ou paranoia". Será uma "escolha condicionada" - pelos lugares de fixação da libido -, antecedente lógico talvez da "escolha forçada" a que Lacan se referirá no *Seminário 11*, mas desta vez em relação à dependência significativa do sujeito.

A escolha forçada imanente à alienação será realizada entre o ser e o sentido. Nesta primeira operação não haverá lugar, estritamente falando, para a liberdade. De fato, o próprio Lacan seguindo o caminho hegeliano afirma que, através dessa alienação, o ser humano "embarca no caminho da escravidão. *Liberdade ou vida!* Se escolher a liberdade, boom! Ele perde as duas imediatamente – se ele escolhe a vida, ele tem uma vida amputada de liberdade." É por esta razão que a torção essencial produzida pela segunda operação será necessária. A separação expressará a libertação do sujeito do efeito aphanosíaco do significante, permitindo-lhe encontrar nos intervalos da fala do Outro um espaço possível a partir do qual se possa jogar o jogo do desejo de outra forma.

Essa dialética habilitará a "função do não". E a partir daqui projetaremos outro traço que parte desses primeiros não, criadores da infância, até o "tudo, mas não aquele" outro dos nomes do *sinthome*. Nunca seremos capazes de medir antecipadamente as consequências de um "dizer não". Um exemplo paradigmático disso encontra-se naquele personagem de José Saramago, Raimundo Silva, revisor de textos de uma

editora que é responsável por preservar a integridade dos escritos que lhe foram confiados para ler. Ele tem levado uma vida solitária e indescritível, de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Até que um dia um texto sobre a história do cerco de Lisboa chega às suas mãos e no final da sua correção, e sem saber muito bem porquê, decide escrever um "não" onde fosse apropriado preservar um "sim". Esse momento eletivo vai mudar definitivamente a história escrita de Portugal e a sua vida pessoal. Além do cerco da cidade, outro cerco cairá, o que o ajudará a construir uma nova relação entre sua solidão e os outros.

Este exemplo nos mostra como um "dizer não" pode alcançar a posteriori um status de ato, de efeitos imprevisíveis. Essa passagem do psíquico para o típico implicará outra relação com esse contingente, não predeterminado, que só pode ocorrer além das fronteiras cercadas do fantasma. O "tudo, mas não aquilo", que Lacan encontra na posição de Sócrates, o levará a postular precisamente isso: que essa fórmula dá conta de uma possível posição diante da vida e da morte, que ele chamará parágrafos adiante, herética. Referindo-se a Joyce – e apelando para o termo grego *haeresis*, que significa "escolha" – ele dirá: "É necessário escolher o caminho pelo qual tomar a verdade. Tanto mais que, uma vez feita a escolha, isso não impede ninguém de submetê-la à confirmação, isto é, de ser um herege na boa forma, aquela que, tendo reconhecido bem a natureza do *sinthome*, não se priva de usá-lo logicamente, isto é, até que atinja o seu real ...". Aquela verdade articulada ao real, e singular para cada um, só será alcançada e renovada a cada vez, a partir da "escolha do *sinthome*", enfatizando a equivocidade do genitivo. Porque uma vez feita a escolha, esse saber-fazer, tornando-se necessário, também escolherá por nós. Não nos permitirá deixar de o fazer. Esses momentos de liberdade só serão possíveis a partir da inscrição da impossibilidade, uma impossibilidade que aliviará a impotência por estar ligada não mais ao determinismo original, mas à incurabilidade do sujeito e do mundo. "Tudo, mas não isso": o "mas não aquilo" que perfura o "todo", será o ponto herético em que o sujeito, em cada um desses

momentos, poderá novamente fazer sua escolha desejante: dispensar o pai, mas apenas com a condição de servir-se de seu *sinthome*.